

JOJO MOYES

# RETRATO DE FAMÍLIA

Tradução de Ana Nereu

## Prólogo

*Em seguida, deverá o Arcebispo beijar a mão direita da Rainha. Após o que o Duque de Edimburgo subirá os degraus do Trono e, tendo-se despojado da sua coroa, deverá ajoelhar-se diante de Sua Majestade, e colocando as suas mãos entre as da Rainha pronunciará as palavras de Homenagem:*

Eu, Filipe, Duque de Edimburgo,  
converto-me no vosso fiel vassalo de corpo e alma,  
e em adoração terrena;  
recebereis a minha honestidade e fidelidade,  
para viver e morrer, contra todo o tipo de gente.  
Que Deus me ajude.

*E, erguendo-se, tocará na coroa de Sua Majestade e beijará a sua face esquerda.*

*De igual modo, o Duque de Gloucester e o Duque de Kent prestarão individualmente as suas homenagens.*

Do Ritual da Cerimónia de Coroação, 1953

Provavelmente tinha sido bastante desagradável, pensou Joy mais tarde, conhecer o futuro marido naquele que estava destinado a ser o dia da princesa Isabel. Ou da rainha Isabel II, como viria a ser reconhecida no final desse mesmo dia. Ainda assim, tendo em conta a grande importância da ocasião para ambas, fora muito difícil (pelo menos, para Joy) sentir o entusiasmo que o momento requeria.

Estava um dia chuvoso que não augurava nada de bom. O céu sobre o porto de Hong Kong apresentava-se húmido e cinzento, e enquanto caminhava lentamente pelo Peak ao lado de Stella, com uma pasta de partituras húmidas debaixo do braço, que lhe escorregava das axilas e a blusa colava-se-lhe às costas, Joy sentia pouco fervor monárquico perante a ideia da festa que ia realizar-se em casa dos Brougham Scott para assinalar a coroação.

A mãe andava num alvoroço lá por casa, tensa de expectativa e insatisfação, principalmente devido à presença do marido, que acabava de chegar de uma das suas viagens à China, e cujo regresso parecia sempre coincidir com uma descida vertiginosa do bom humor de Alice, convertendo os seus anseios por uma vida melhor e num outro lugar em algo mesquinho e sombrio.

– Não vais usar isso – dissera a Joy com um olhar reprovador e a boca franzida num esgar escarlate de desaprovação.

Joy desviara o olhar para a porta. Estava desesperada por se encontrar com Stella e evitar ter de ir à residência dos Brougham Scott com os pais, e mentira-lhes, dizendo que os anfitriões tinham solicitado a partitura mais cedo. As deslocações com os pais, até mesmo a pé, deixavam-na agoniada.

– Tens um aspecto tão simples, querida. E estás a usar saltos altos. Vais ser a mais alta de todos. – A palavra «querida» era a forma suave com que Alice disfarçava a mensagem desagradável que procurava transmitir.

– Eu sento-me.

– Não podes ficar sentada durante toda a noite.

– Então dobrarei os joelhos.

– Devias usar um cinto mais largo. Faria com que parecesses mais baixa.

– Iria cravar-se nas minhas costelas.

– Não sei porque tens de ser tão difícil. Só estou a tentar ajudar. Não me parece que queiras estar bonita.

– Oh, mãe, não quero saber. Ninguém se vai importar. Quem é que vai reparar em mim... as atenções vão estar todas na princesa enquanto ela profere os seus votos, ou lá o que é. – Deixe-me ir, pensou. Já seria mau o suficiente ter de suportar o humor corrosivo de Alice durante toda a festa.

– Pois eu importo-me. As pessoas vão pensar que não te eduquei como deve ser.

O que as pessoas iam pensar era muito importante para Alice. Hong Kong é um aquário, dizia. Havia sempre alguém a olhar para nós, a falar de nós. Essas pessoas parecem viver num mundo muito pequeno e aborrecido, quis responder Joy. Mas não o fez, em grande parte porque era verdade.

E depois havia o pai, que iria, sem dúvida, beber muito e beijar todas as mulheres na boca em vez de as beijar no rosto, de modo a que elas olhassem em redor com ansiedade, sem saber se o tinham provocado de alguma forma. Mais tarde, durante a discussão que se avizinhava, gritaria a Alice que estava apenas a divertir-se um pouco. Que tipo de mulher negaria ao seu marido um pouco de diversão, depois de semanas de trabalho esgotante na China (e todos nós sabíamos o horror que era ter de lidar com *os orientais*). O pai não voltara a ser o mesmo desde a invasão japonesa. Mas a verdade é que nunca se falava do assunto.

Havia igualmente os Brougham Scott, os Marchant, os Dickin-son e os Alleyne. E todos os outros casais que pertenciam à mesma classe social que residia mesmo abaixo do Peak, mas não de Robinson Road (nesse tempo, o centro era para as classes trabalhadoras). Viam-se em todas as festas do Clube de Críquete de Hong Kong, encontravam-se durante as corridas no hipódromo de Happy Valley, faziam viagens em barcos orientais típicos,

viagens regadas a xerez em redor das ilhas remotas, e queixavam-se da dificuldade em obter leite, dos mosquitos, do preço das casas e da insolência chocante dos criados chineses. Falavam sobre a Inglaterra, das saudades que sentiam, dos visitantes que chegavam de lá, do quanto as suas vidas eram enfadonhas e do quanto a Inglaterra parecia ser «monótona» mesmo depois de a guerra ter terminado há uma eternidade. Mas, sobretudo, falavam deles mesmos; os militares utilizavam uma linguagem própria e repleta de piadas de caserna, os comerciantes discutiam e denegriam o desempenho dos seus rivais, e as suas mulheres agrupavam-se e reagrupavam-se em combinações intermináveis, tão enfadonhas quanto venenosas.

E o pior de tudo é que havia William, omnipresente em qualquer reunião social, com o queixo metido para dentro e o cabelo loiro, tão frágil e fino como a sua voz estrangulada e aguda, apoiando as mãos pegajosas nas suas costas para a empurrar para sítios onde ela não queria ir. Enquanto fingia educadamente que estava a ouvi-lo, podia olhar para o topo da cabeça dele e adivinhar onde o cabelo ia ficar mais ralo a seguir.

– Achas que ela está nervosa? – inquiriu Stella. Os seus cabelos, brilhantes como verniz húmido, estavam presos num coque. Não havia um único cabelo solto para se frisar no ar húmido, ao contrário do de Joy, que efectuara uma caótica tentativa para escapar pouco tempo depois de ter sido apanhado atrás. Bei-Lin, a sua *amah*, repreendia-a e ameaçava-a enquanto a penteava, como se isso fosse rebeldia deliberada da sua parte.

– Quem?

– A princesa. Eu estaria. Imagina todas aquelas pessoas a assistirem.

Durante as semanas anteriores, Stella, belíssima com a sua saia vermelha, blusa branca e o casaco azul especialmente pensados para a ocasião, revelara aquilo que Joy considerava um interesse pouco saudável na princesa Isabel, especulando sobre a sua escolha em termos de jóias, roupas, o peso da coroa, até mesmo sobre

a possibilidade de o seu marido sentir ciúmes do título real, vendo que não chegaria a ser rei. Joy começava a suspeitar de que Stella tinha um sentido de identificação muito pouco humilde.

– Bem, nem todos estarão a vê-la. Haverá muitos como nós, que apenas escutarão pela rádio. – Desviaram-se para deixar passar um automóvel, olhando brevemente para o interior para ver se era alguém que conheciam.

– Mas ainda assim pode enganar-se durante o discurso. Eu enganar-me-ia. Tenho a certeza de que gaguejaria.

Joy duvidava, uma vez que Stella era um modelo de tudo o que uma senhora devia ser. Ao contrário de Joy, Stella tinha a altura adequada para uma jovem e usava sempre roupas elegantes que a sua modista de Tsim Sha Tsui confeccionava de acordo com a última moda de Paris. Nunca tropeçava ao caminhar, nunca era uma companhia aborrecida, nem se cansava de falar com a fila interminável de oficiais que, estando ali de passagem, eram requisitados para as «recepções», que tinham como finalidade fazê-los esquecer a partida iminente para a guerra da Coreia. Joy pensava muitas vezes que a imagem pública de Stella podia ter sido um pouco prejudicada se tivesse sido descoberta a sua capacidade para dizer todo o alfabeto a arrotar.

– Pensas que temos de ficar até ao fim?

– Até ao fim da cerimónia? – Joy suspirou, pontapeando uma pedrinha. – Deve levar horas, e todos eles vão ficar embriagados e começar a falar uns dos outros. A minha mãe vai começar a namoriscar com o Duncan Alleyne e começar a trazer à baila o facto de o William Farquharson ser parente dos Jardine por casamento e que é o partido ideal para uma jovem da minha posição.

– A mim parece-me que ele é demasiado baixo para uma rapariga da tua posição. – Stella também era espirituosa.

– Usei os meus saltos altos especialmente para a ocasião.

– Oh, vá lá, Joy. É emocionante. Vamos ter uma nova rainha.

Joy encolheu os ombros.

– Por que razão devo estar entusiasmada com isso? Nem sequer vivemos no mesmo lugar.

– Porque ela é a nossa rainha. É quase da mesma idade que nós! Imagina! E é a maior festa desde há séculos. Toda a gente vai lá estar.

– Mas são sempre as mesmas pessoas. Não é divertido ir a festas, se encontras sempre as mesmas pessoas.

– Oh, Joy, estás determinada a ser infeliz. Há imensa gente nova, se ao menos te dispusesse a falar com as pessoas.

– Mas eu não tenho nada para lhes dizer. Elas só estão interessadas em compras, roupas e em quem é infiel a quem.

– Oh, desculpa-nos – disse Stella secamente. – E o que mais há?

– Não me refiro a ti. Mas tu sabes o que quero dizer. Deve haver mais do que isso na vida. Não desejas ir à América? Ou a Inglaterra? Viajar pelo mundo?

– Já lá estive. – O pai de Stella era comandante naval. – Francamente, penso que, para onde quer que vás, as pessoas estão interessadas nas mesmas coisas. Quando estávamos em Singapura, não parávamos de ir a festas. Até mesmo a minha mãe estava entediada – disse Stella. – De qualquer forma, não são *sempre* as mesmas pessoas. Há oficiais. Haverá imensos hoje. E tenho certeza de que não os conheces a todos.

Havia muitos oficiais. A enorme varanda do palacete dos Brougham Scott, que dominava o porto de Hong Kong nos raros momentos em que a névoa no topo do Peak se dissipava, era um mar de uniformes brancos. No interior da casa, sob as ventoinhas que zumbiam como hélices gigantescas, os criados chineses, envergando igualmente casacas brancas, moviam-se silenciosamente por entre os convidados, oferecendo bebidas geladas em bandejas de prata. O murmúrio das vozes elevava-se e afundava-se por entre a música que, por sua vez, parecia abafada pelo calor opressivo e húmido. Os estandartes com a bandeira inglesa, dependurados em cada um dos cantos do tecto, pendiam como roupa posta a secar, mal se movendo apesar da brisa artificial.

Pálida e voluptuosa, e aparentemente tão lânguida como os estandartes, Elvine Brougham Scott estava reclinada numa *chaise*

*longue* ornada a damasco no canto da sala de visitas em mármore, rodeada, como era habitual, por um grupo de oficiais atenciosos. Usava um vestido de seda cor de ameixa, com um decote generoso, a saia comprida e franzida caindo em pregas em redor das suas pernas longas e pálidas. (Não havia marcas de suor debaixo dos braços, observou Joy, pressionando os seus bem junto ao corpo.) Um dos sapatos – orlado com imitação de arminho – tinha sido lançado para o chão, revelando as unhas escarlates. Joy sabia o que a sua mãe diria quando as visse, enquanto engolia a sua própria frustração por não ter a classe de Barbara Stanwyck<sup>1</sup> para as usar assim pintadas. Usar *bâton* escarlata era o mais próximo que Alice estava de ser mulher fatal, embora não fosse por falta de vontade.

Joy e Stella depositaram as partituras e saudaram-na com um gesto, sabendo que Mrs. Brougham Scott não gostaria de ser interrompida.

– Como é que vamos ouvir a cerimónia? – perguntou Stella ansiosamente, olhando em seu redor em busca do aparelho de rádio. – Como saberão que já começou?

– Não se preocupe, minha querida, ainda faltam umas horas – disse Duncan Alleyne, fazendo uma vénia ao passar, enquanto consultava o relógio. – Não se esqueça de que são menos oito horas em Inglaterra, a nossa pátria. – Duncan Alleyne falava sempre como o herói da RAF num filme de guerra. As raparigas consideravam-no ridículo, mas Alice, para desgosto de Joy, parecia pensar que a transformava em Celia Johnson<sup>1</sup>.

– Sabes que ela tem de aceitar «os oráculos vivos de Deus»? – disse Stella com entusiasmo.

– O quê?

– A princesa Isabel. Na cerimónia, tem de aceitar os «oráculos vivos de Deus». Não faço ideia do que seja. Oh. E tem quatro cavaleiros da Ordem da Jarreteira a acompanhá-la. Pensas que eles podem realmente cuidar das suas ligas reais? Afinal, ela tem uma dama do Guarda-Roupa, disse-me a Betty Warner.

---

<sup>1</sup> Actrizes de referência dos anos 50. (N. do E.)

Joy fitou a expressão sonhadora nos olhos de Stella. Porque não conseguia sentir-se assim tão entusiasmada com a ocasião? Por que motivo temia tanto a noite que se aproximava?

– E nem imaginas... a princesa tem o peito unguido com óleo sagrado. O seu peito real. Oxalá não fosse via rádio, para que pudéssemos ver se o arcebispo realmente lhe toca.

– Olá, Joy. Céus... tu estás... estás... na verdade, com um aspecto bastante afogueado. Vieste a pé? – Era William, ruborizado de timidez, com a mão estendida debilmente numa tentativa pouco convincente de saudação. – Desculpa. Não foi minha intenção... quer dizer, eu também vim a pé. E estou todo molhado. Muito mais do que tu. Olha.

Joy retirou um copo alto com uma bebida cor-de-rosa de uma bandeja que passava e bebeu um trago. Não era só a princesa Isabel que ia dar a sua vida pelo país hoje.

Tinha havido umas quantas bebidas cor-de-rosa à medida que a hora da coroação se aproximava. Joy, que tinha tendência para ficar desidratada devido à humidade, descobriu que as bebidas cor-de-rosa escorregavam com bastante facilidade. Não sabiam a álcool, e a atenção da sua mãe estava noutra lugar – dividida entre os sorrisos de Duncan Alleyne e a sua fúria para com a aparente diversão do marido – por isso, foi uma surpresa para ela quando o rosto da princesa Isabel, fixo no topo da parede da sala de jantar, se multiplicou subitamente e pareceu estar a sorrir-lhe com cumplicidade perante as tentativas de Joy de caminhar em linha recta.

Ao longo de várias horas, o ruído da festa tinha aumentado substancialmente, assim como o número de convidados que preenchiam agora o amplo espaço e cujas vozes soavam fortes e animadas devido à abundância de bebidas. Joy tinha-se alheado progressivamente à medida que o tempo passava, uma vez que carecia da capacidade de falar sobre aquilo que a ocasião requeria. Aparentemente, Joy só era boa a afastar pessoas, não a cativá-las. Tinha por fim conseguido libertar-se de William, dizendo-lhe que

estava certa de que Mr. Amery queria falar com ele sobre negócios. Stella desaparecera, engolida por um círculo de admiradores constituído por oficiais da Marinha. Rachel e Jeannie, as outras duas jovens da sua idade, estavam sentadas num canto com os seus pretendentes de cabelo idêntico, penteado com brilhantina. Liberta da censura, ou até mesmo da atenção, dos seus companheiros, Joy fizera amizade com as bebidas cor-de-rosa.

Apercebendo-se de que o copo estava de novo vazio, lançou um olhar em seu redor à procura de outro empregado. Pareciam ter desaparecido, ou talvez fosse o facto de lhe estar a ser difícil distingui-los das outras pessoas. Deviam usar casacos com a bandeira inglesa, decidiu, rindo-se para si mesma. Casacos feitos com a bandeira inglesa. Ou então coroas pequenas.

Escutou vagamente o som de um gongo e a voz alegre de tenor de Brougham Scott a convocar todos em redor do aparelho de rádio. Joy, apoiando-se ligeiramente contra uma coluna, aguardou que as pessoas à sua frente avançassem. Quando o fizessem, seria capaz de caminhar até à varanda e respirar na brisa. Mas de momento, os corpos continuavam a mover-se e a misturar-se, formando uma parede intransponível.

– Oh, Deus – murmurou –, preciso de apanhar ar.

Pensava ter pronunciado estas palavras apenas na sua cabeça, mas, subitamente, uma mão pegou-lhe no braço e disse:

– Vamos lá para fora, então.

Para sua surpresa, Joy teve de olhar para cima. (Raramente tinha de o fazer; era mais alta do que praticamente todos os chineses e do que a maioria dos homens da festa.) Conseguia ver com alguma dificuldade dois rostos longos e sérios aproximando-se dela, pairando acima de dois colarinhos brancos. Um oficial da Marinha. Ou talvez dois. Não conseguia ter a certeza. Fosse como fosse, um deles estava a segurá-la pelo braço e a conduzi-la suavemente por entre a multidão em direcção à varanda.

– Quer sentar-se? Inspire fundo. Vou buscar um copo de água.

– Sentou-a numa cadeira de verga e desapareceu.

Joy inalou o ar puro. Estava a anoitecer, a neblina descera sobre o Peak e, à semelhança de uma mortalha, ocultava a casa do resto da ilha de Hong Kong. Os únicos indícios de que não estava ali sozinha eram as buzinas roucas e distantes das barcaças que viajavam pelas águas mais abaixo, o rumor das figueiras-de-bengala e um leve aroma a alho e a gengibre no ar tranquilo.

Foi este odor que provocou a má disposição. – Oh, meu Deus – murmurou. Oh, não...

Lançou um olhar atrás de si e reparou com alívio que o último dos foliões estava a desaparecer na sala da rádio; depois inclinou-se no parapeito e começou a vomitar longa e ruidosamente.

Quando se sentou, a arfar e com o cabelo suado e colado às têmporas, abriu os olhos e deparou com o oficial da Marinha à sua frente oferecendo-lhe um copo de água gelada. Joy não conseguia falar. Fitava-o simplesmente muda de horror e, em seguida, baixou o rosto, morta de vergonha. Talvez, suplicou ela, sentindo-se súbita e desconfortavelmente sóbria, quando erguesse o olhar ele tivesse desaparecido.

– Quer um lenço?

Joy manteve o rosto baixo, olhando tristemente para os seus sapatos demasiado altos. Tinha algo inenarrável atravessado na garganta, que se recusava a descer, apesar das suas repetidas tentativas de engolir.

– Olhe. Aqui está. Tome.

– Por favor, vá-se embora.

– Como?

– Peça-lhe que se vá embora, por favor. – Oh, céus, se ele não se fosse embora, a mãe em breve viria procurá-la e depois é que iam ser elas. Já conseguia ouvir o sermão: primeiro, não podia levá-la para nenhum lado; segundo, o seu comportamento era vergonhoso, ou porque não se comportava como Stella? Terceiro, o que pensariam as pessoas?

– Por favor. Vá-se embora.

Joy tinha consciência de que estava a ser indelicada, mas o horror de ser descoberta naquele estado, assim como ver-se obrigada a

manter uma conversa educada, enquanto a sua blusa – ou o seu rosto! – podia estar manchada sabe Deus do quê, fazia com que parecesse um mal menor.

Houve uma longa pausa. Da sala de jantar provinha o som de sonoras exclamações que se sobrepunham.

– Não me parece... parece-me que seria melhor que alguém lhe fizesse companhia durante um tempo. – Não era uma voz jovem, não tinha os tons agudos e nervosos da maioria dos oficiais, mas também não tinha o *basso profundo* que se adquire com o exercício do poder. Provavelmente era apenas um oficial.

Por que razão não se vai embora?, pensava Joy.

Mas ele limitou-se a ficar ali. Joy constatou que as calças imaculadas do homem tinham uma pequena mancha cor de laranja na canela esquerda.

– Sinto-me muito melhor agora, obrigada. E realmente preferia que me deixasse sozinha. Acho que vou para casa. – A mãe ficaria furiosa. Mas podia dizer que se tinha sentido mal, o que não seria uma mentira. Apenas aquele homem sabia a verdade.

– Permita-me que a acompanhe – sugeriu ele.

Houve outra irrupção de som proveniente do interior da casa, e algumas gargalhadas sonoras e um pouco histéricas. Soou um disco de *jazz* que parou tão de repente como havia começado.

– Por favor – proferiu ele –, segure na minha mão. Eu ajudo-a a levantar-se.

– Pode deixar-me em paz, por favor? – Desta vez a sua voz soou áspera, até mesmo para os seus próprios ouvidos. Fez-se um breve silêncio e, em seguida, após uma pausa interminável, Joy ouviu o som dos passos dele no terraço enquanto se encaminhava lentamente para o interior da casa.

Joy estava demasiado desesperada para se sentir envergonhada durante algum tempo. Pôs-se de pé, bebeu um longo trago de água gelada e, em seguida, caminhou a passos largos, e um tanto trémula, em direcção à casa. Com um pouco de sorte, poderia comunicar a sua partida ao pessoal de serviço e escapulir-se enquanto estavam

todos distraídos. Mas quando passou pela porta do salão, os convidados já estavam a sair. Stella, chorosa e com a desilusão estampada no rosto, vinha entre os primeiros.

– Oh, Joy, dá para acreditar?

– Em quê? – perguntou Joy, sem saber como poderia livrar-se dela.

– No raio do aparelho de rádio. Tinha de avariar logo hoje. Não posso crer que só tenham um cá em casa. Todas as pessoas têm mais do que um rádio.

– Não há necessidade de te aborreceres, Stella querida – disse Duncan Alleyne, cofiando o bigode com uma mão e a outra pousada no ombro de Stella durante mais tempo do que aquele que poderia ser considerado interesse paternal. – Não vai demorar muito até que um dos homens vá buscar outro a casa dos Marchant. Vais ver, não vais perder quase nada.

– Mas vamos perder o início. E não vamos ter outra oportunidade para voltar a ouvir. Provavelmente não haverá outra coroação tão cedo. Oh, não posso acreditar. – Agora Stella estava mesmo a chorar, alheia aos convidados em seu redor, alguns dos quais consideravam a cerimónia sagrada uma interrupção bastante irritante para uma festa.

– Stella, tenho de ir – sussurrou Joy. – Desculpa. Não me sinto bem.

– Mas não podes ir! Pelo menos fica até vir outro rádio.

– Amanhã irei visitar-te.

Vendo que os seus pais ainda estavam no grupo que se mantinha sentado junto ao aparelho de rádio avariado, Joy correu rapidamente em direcção à porta. Saudou com um breve aceno de cabeça o rapaz que lhe abriu a porta e saiu sozinha para o exterior e para o ar húmido da noite, tendo apenas como companhia o zumbido dos mosquitos e um leve pressentimento em relação ao homem que havia deixado para trás.